



O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

PELAS NOSSAS REIVINDICAÇÕES

pelo derrubamento do fascismo

A vida do nosso povo agrava-se dia a dia. Governo e patronato reaccionário estão profundamente ligados na realização dum mesmo objectivo-mantem a todo o custo as suas posições e elevarem continuamente os seus lucros.

As consequências desastrosas da continuação da guerra em Angola estão já a fazer-se sentir, recaindo totalmente sobre os ombros das largas camadas laboriosas da nação. Os colonialistas, que não estão dispostos a perderem os seus privilégios nem as fontes que lhes proporcionaram avultadas fortunas, tudo farão para aumentar a exploração do nosso povo e chacinarem a nossa juventude em guerras coloniais, das quais Portugal sairá derrotado.

Perante esta situação, ao povo português, mais do que nunca, se

coloca, neste momento, a necessidade imperiosa e eminentemente patriótica de lutar decidida e corajosamente, pelas formas mais variadas, contra o fascismo até ao seu derrubamento. Esta é a única via pela qual o nosso povo, as camadas laboriosas da cidade e do campo, podem evitar a ruína de Portugal e deitar por terra os negros desígnios do governo fascista e do patronato reaccionário e explorador.

Nesta luta libertadora e patriótica, em que o nosso povo está cada vez mais interessado, deve também participar valorosamente a nossa classe têxtil. Patronato e governo têm-nos explorado cínica e desumanamente. Os tubarões da têxtil, protegidos e com a colaboração do governo, têm acumulado imensas fortunas à custa dos baixos salários e dos roubos que praticam.

(continua na pag. 2.)

detenhamos o braço

Assassino dos colonialistas

Calazar foi bem claro no seu último discurso. Ele diz pôr-se a lutar a guerra colonial às suas últimas consequências. Para esse efeito aumentaram as contribuições e os impostos sobre artigos de largo consumo, embora o rendimento diário não tivesse sido coragem de comutá-lo, na longa arenga que fez na Assembleia Nacional.

Tiveram lugar as primeiras especulações. Dia após dia o ruído de vida sobe. Os generos irão escassear. O mercado negro impedirá ainda mais e difíceis condições de vida das massas trabalhadoras, que pagarão, como nenhum outro sector da vida nacional, a criminalidade política salazarista. Vários ramos de actividades industriais já apresentam sinais de crise.

Milhares de jovens soldados continuam a partir para Angola e para outros colónias portuguesas onde a luta libertadora ameaça seriamente os interesses dos colonialistas. O general Vaz de Almeida, actual governador de Angola, referindo-se à luta dos africanos contra os escravocratas capitalistas, exprime, sem censo, o pensamento de Salazar: «Que rendem ou serão exterminados».

Em todo o território de Angola se estabeceu a lei do crime x. Os africanos são abatidos a tiro por simples suspeita, os colónos são mortos pelo fogo. As prisões estão cheias de prisioneiros exercendo do mesmo modo sobre mulheres, crianças e velhos. Por cada braço que cai devem morrer centenas de pratos. A ocupação militar condiciona os mais repulivos barbarismos, que os colonialistas não cessam de adivinhar pateticamente, mantendo-se vergando. Os prisioneiros angolanos são obrigados a abrir as próprias covas onde os braços coloniais os atiraram. Outros são arrastados e óvares e arrostados à brasa. Tiro de bala estaciam braços e pernas. Muitos outros patriotas morreram esmagados pelos pesados veículos de guerra.

(continua na pag. 2.)

UMA GLORIOSA JORNADA DE LUTA CONTRA A GUERRA COLONIAL EM ANGOLA

De nada valeram os apelos dos salazaristas feitos pela rádio, a televisão e a imprensa, para transformarem o dia 10 de Junho numa jornada de apoio à guerra em Angola. Tudo redunou em completo fracasso. As salas de espectáculos estiveram às moscas. A acção do patronato reaccionário e das autoridades fascistas para que a classe operária concedesse um dia de salário encontrou a mais firme recusa e a mais enérgica disposição de luta, por parte dos trabalhadores, incluindo a classe têxtil.

Segundo as informações que nos chegam, não houve trabalho na Senhora da Hora, na Areeza, na Rayone, Sálgueros, Foncar, e nas outras empresas têxteis. Reinou lá

dentro o silêncio, provocado pela nossa posição de firmeza.

Nas empresas têxteis onde o patronato reaccionário ousou ainda intimidar os operários a que trabalhassem, deparou com firme resistência. O pessoal denunciou em massa a guerra colonial. As discussões levantadas e a posição tomada não deixaram duvidas sobre a atitude de repúdio e de hostilidade à criminalidade política salazarista, por parte da classe operária.

Desde Valbom a Matozinhos, incluindo as zonas fabris da cidade do Porto, teve lugar uma larga agitação, preparatória do dia 10 de Junho. Foram distribuídas milhares e milhares de tarjetas, colados cartazes, condenando a guerra colonial

e o fascismo. Em Gaia, para o lado de Coimbra, podia ler-se, por cima da estrada, numa tira de pano de 3 metros de comprimento, «Paz em Angola, = Abaixo a guerra.» «Viva a classe operária» Em frente da Fábrica dos Lavadores apareceu colocado um cartaz com os seguintes dizeres: «Soldados! Não mateis os angolanos!»

Os salazaristas nem uma palavra disseram sobre esta jornada de luta. Calaram a sua derrota, continuando a campanha de mentiras e falsidades.

No dia 10 de Junho a classe operária deu um alto exemplo de luta. Novas acções precisam de ser postas em prática.

(continua na pag. 2.)

QUEM SÃO OS TERRORISTAS PARTE DE UM SOLDADO

A migra Y, estou em Angola desde o dia 17 não sei porque não estou muito estranho nem sequer me lembro que estou na África só o que me chateia mais é o calor e a sede não podemos beber água em todo o lado não podemos sair muito para o interior porque os pretos com uma catanana separam a cabeça do corpo e tenho tempo de morrer.

Aqui em X é uma beleza as pretos desabitaram as cobatas fugiram não sabemos para onde deixaram então muitas cabras galinhas e porcos, todos os dias vamos à caça e então assim é que não há peneiras à noite elas recolhem às cobatas e então vêm às dez por cada dia só comemos carne mas eu prefiro bananas mas algumas ainda estão verdes.

Senhor Y com respeito à guerra já estou quase farto que tão pouco tempo e quem tem de aguentar talvez dois anos gosto de lutar como ontem 10 paraquedistas e 4 polícias

Detenhamos o braço

(continuação da pag. 1)

Cincoenta mil angolanos foram já liquidados pelos processos mais bárbaros. Mais de 100.000 tiveram de atravessar a fronteira do Congo para fugir a esta onda de crimes e de horrores. Só quem conhece a hecatombe do salazarismo sabe do que ele é capaz. No mundo inteiro crescem os protestos e as manifestações públicas contra as barbaridades mais repugnantes do colonialismo português.

Estamos em face de uma guerra brutal, injusta e criminosa, que os colonialistas querem levar a cabo, com o sangue e a vida dos nossos irmãos, filhos, maridos e pais, vítimas da mesma seta exploradora nas fábricas e nos campos da nossa terra.

Temos de deter o braço assassino, que mata em Angola, que explora, oprime e tortura os democratas e patriotas de Portugal. Devemos lançarmo-nos em novas e mais poderosas acções de protesto contra a guerra colonial, contra a partida dos soldados, contra o roubo dos nossos salários, contra o desemprego e a miséria. Nem um dia de trabalho, nem um tostão para os assassinos dos povos de Angola!

Punhamos fim à guerra! Punhamos fim aos crimes dos colonialistas!

matarum quase quatrocentos vieram 8 presos mas coladinhos mal levantavam a cabeça caia-lhes a coronha na cabeça foi a 80 quilómetros daqui só cá chegaram dois vivos e nem se mechiaram já deitavam sangue por todos os laços assim não gosto e depois os polícias então foi de arrebentar tínhamos caçado antes de abalar quatro e esses então é que descobriram os outros quase todos os dias saímos e a nossa sorte é eles não terem armas atacam com pedras catanas e espingardas de carregar pela boca demoram meio dia dar um tiro. Chamam-lhe trabucos. Com isto nada mais dê saudades à malta da oficina e diga ao W, que aqui um litro de vinho custa 32\$00 é quase só água não se pode beber. Lá para a semana devemos regressar a Luanda.

UMA JORNADA GLORIOSA DE LUTA

(continuação da pag. 1)

Novas lutas devem ser organizadas nas empresas, nos bairros nas aldeias, vilas e cidades do nosso país, para que milhares de portugueses e de angolanos não durmam o sono da morte em terras de África, não sejam vítimas de uma guerra injusta, contrária aos interesses do povo e às aspirações de Paz da Humanidade.

As lutas da classe operária contra

ACÇÕES CONTRA A GUERRA e contra o envio de soldados

Várias manifestações populares contra a partida dos soldados têm tido lugar.

Em Gaia, recentemente, a força pública interveio para dispersar uma manifestação de protesto. «Fora! Fora!»-gritava a multidão. «Não os levem para a morte! Não esperemos para amanhã o início dos nossos protestos e da nossa luta contra a guerra em Angola. É preciso agir sem demora. A morte espereita os nossos familiares. Não se ameçaia do tempo, trucidada-os na selva e nos caminhos onde o povo de Angola conquista com sangue e coragem a sua independência.

Vamos, mães, irmãs, noivas e filhas. Vamos operárias e operários! A luta pela Paz deve realizar-se em cada dia nas fábricas e nos campos, nas vilas e cidades.

a exploração, as lutas dos trabalhadores têxteis pela defesa dos nossos interesses abrem o caminho a outras lutas de massas, destinadas a pôr fim à guerra e à tirania de um regime, que é o causador da situação de miséria do povo português.

Viva a gloriosa jornada de luta do dia 10 de Junho! Marchemos unidos pelo caminho da acção organizada.

PELAS NOSSAS REIVINDICAÇÕES

(continuação da pag.1)

Muito sangue temos derramado e o número de tuberculosos aumenta diariamente entre nós e os nossos familiares. Chegou o momento, companheiros e companheiras, de mostrarmos ao patronato e ao governo, pela nossa luta vigorosa e profundamente ligada à das restantes camadas laboriosas da nação, que estamos dispostos a modificar esta situação.

Iniciemos desde já a nossa luta, realizando em todas as fábricas a discussão à volta das nossas reivindicações mais sentidas: AUMENTO DE SALÁRIOS, TERMINAÇÃO DE TODAS AS MULTAS E CASTIGOS E CESSAÇÃO DOS DESPEDIAMENTOS SEM JUSTA CAUSA!

Organizemos largas COMISSÕES DE UNIDADE em todos os

RUBRICAS PARA «O TÊXTIL»

Contra a automatização que

| | |
|--|---------|
| gera o desemprego | 20\$00 |
| Nova amiga do têxtil | 425-0 |
| Novas amigas têxteis | 65\$00 |
| Liberto | 3\$0 |
| Pilar | 1\$00 |
| Têxtil | 5\$00 |
| o grupo de trabalhadores liberais | 40\$00 |
| TOTAL | 185\$00 |

Armas de luta da classe têxtil AS COMISSÕES DE UNIDADE

INFAME EXPLORAÇÃO

Em Ponte de Serves

Agravam-se e continuarão a agravar-se as condições de exploração e de miséria da classe operária. A guerra imperial e a política fascista não são razão de que aumente o fardo de uma situação insustentável.

Ante a necessidade de combatermos pela nossa subsistência, pela vida da família e da defesa dos nossos interesses, impõe-se-nos o dever de prepararmos o acção, de reforçarmos cada vez mais a nossa disposição de luta e com ela a nossa unidade e organização.

Na defesa dos interesses da classe operária, as comissões de Unidade têm desempenhado um importante papel. Nas difíceis condições da guerra colonial e da exploração capitalista, quando se acceitam novas e mais vezes mais negros no horizonte da nossa vida, os comités de Unidade são chamados a desempenhar um novo e decisivo papel.

Para que saíam as comissões de Unidade? As comissões de Unidade servem para defender os interesses dos trabalhadores e orientá-los nas suas lutas reivindicativas por aumento de salários, por melhores condições de vida, contra os castigos e os roubos aos salários, a miséria e a exploração e o abuso do contrato. Sempre que em cada empresa os operários se dispõem à luta e escolhem entre os companheiros de trabalho os homens e as mulheres mais honestos, capazes e firmes, para constituir a sua comissão de Unidade, e acção reivindicativa dos trabalhadores possui sempre muito mais condições de vitória do que quando os operários não têm, a coacção as suas aspirações e a sua luta, uma comissão de Unidade. Nas grandes lutas travadas de los operários da fábrica das Ingletes, da Cucco, da Flor do Campo e de outras empresas, as comissões de Unidade que se criaram tiveram um papel decisivo, que convém ter sempre presente.

As comissões de Unidade asseguram uma forma superior de acção aos trabalhadores, se eles se fazem acompanhar, nas suas diligências junto do patronato, dos organismos corporativos e das autoridades, dos operários da empresa ou da

localidade, se os trabalhadores se defendem ao lado do patronato e do fascismo, se as comissões não perdem o contacto com os trabalhadores e ao mesmo tempo que vão dando contas a todos os seus diligências, vão recebendo dos trabalhadores a força de combate, a coacção, o espírito de iniciativa, que lhes permitem levar por diante as reivindicações apresentadas.

A nossa classe não pode substituir a importância das comissões de Unidade no condução dos seus lutas, nem pode igualmente substituir a valor da sua União, em face dos seus exploradores e dos agentes fascistas.

É dever dos trabalhadores do têxtil criar em todos as empresas comissões de Unidade, eleitas pelos trabalhadores ou gozando da sua confiança e apoio, estreitamente ligadas à classe, cujos interesses interpretam e defendem.

Não podemos esperar que os nossos exploradores e opressores venham trazer-nos a solução de-a-nossos problemas.

O crescimento da miséria e da exploração, o terror e a opressão fascista, exigem que o operariado têxtil se organize e se lance em novas e decisivas lutas.

NOTÍCIAS DO MINDELO

Na EMPRESA TÊXTEL DO MINDELO foram despedidos 2 operários, um por partir uma agulha e se recusar a pagar 2\$50 e outro por deixar queimar meia dúzia de metros de pano na gaxeadeira e por se recusar também a pagar. Na altura em que o mestre os despedia entrou o engenheiro, a quem os operários se dirigiram. Este respondeu-lhes que se o mestre os despedia estavam despedidos.

Na mesma empresa uma operária,

que se desloca da Póvoa de Varzim e trabalha na casa do pano, não pôde comparecer ao trabalho, porque sua mãe se encontrava doente. Compareceu, porém, ao trabalho, para iniciar este às 13 horas. A mestra desta secção não a deixou pegar ao trabalho, alegando que esperasse pelo mestre. Quando este chegou disse à operária que era já tarde e que se fosse embora. Com a operária nº95 passou-se um caso idêntico.

Camaradas operários e operárias do Mindelo! Só a nossa luta unida e firme obrigará o patronato a mudar de atitude e a resolver de outra maneira casos como estes que trazemos a público. Unamo-nos e lutemos.

NOTÍCIAS DAS EMPRESAS

Nos seus dois últimos números o nosso jornal não deu à vida nas empresas a projecção costumada, por falta de notícias dos nossos correspondentes e leitores.

O TÊXTEL tem desmarcado infatigavelmente a verdadeira situação da nossa classe. Queremos continuar a seguir este caminho. Por isso aqui deixamos o pedido, a todos os leitores e amigos, a todos os que se interessam pela vida dos têxteis que nos enviem notícias concretas sobre a situação nas empresas e as formas de exploração.

COMPANHEIRO! DIVULGA E AUXILIA « O TÊXTEL »

OS TÊXTEIS DA FONCAR CONTRA A EXPLORAÇÃO

Nesta empresa refina-se as formas de exploração. Aqui reina a « semana americana » e o roubo mais descarado. Não há contemplanções para os operários.

No dia 2 de Junho, como noticiámos, os operários não trabalharam. Os patrões quiseram limpar as caldeiras, o que se costuma fazer durante as férias. Por isso não pagaram ao pessoal. Mas no princípio da semana seguinte, os operários das secções de estamparia, dos acabamentos e da tinturaria fizeram um abaixo-assinado, pedindo que lhes fosse pago o dia, em troca de horas suplementares ou de um dia de trabalho ao sábado. O engenheiro esteve de acordo. Porém, quando chegou o dia do pagamento os operários verificaram com espanto, que só recebiam 3 dias e não 6, como tinha sido acordado. Esta posição do patronato causou viva indignação. Os operários resolveram, por isso, não trabalhar no dia combinado, para recompensarem o dia 2.

A atitude dos nossos companheiros da FONCAR corresponde, no essencial, à defesa dos seus interesses e é reveladora de um estado de espírito de luta e de Unidade, que em muito conta nas acções dos trabalhadores da têxtil. A deficiência porém reside no facto de terem desistido de reclamar o pagamento do dia de salário.

OUVINDO A VOZ DA CLASSE

Magreza de salários, desenfreada carestia da vida

A fim de conhecer o mais directamente possível o que pensam os nossos companheiros sobre os problemas que mais afligem a classe e das formas de melhor os solucionar a Redacção de «O TÊXTIL» dirigiu-se a um dos nossos leitores de Tortozendo. Eis as nossas perguntas e as suas respostas.

— Em seu entender, quais os problemas que mais afligem os têxteis da Indústria de Lanifícios?

Resposta: Muitos e cruciantes são os problemas com que actualmente se debatem os trabalhadores da Indústria de Lanifícios, nomeadamente no nosso meio, mas o que nos assusta e que fortemente se vai reflectir em muitos outros é o da magreza dos salários frente a uma desenfreada carestia da vida.

Entre nós a média dos salários não ultrapassa os 140\$000 semanais quando não é reduzido a um terceiro em desumano regime de 4 dias.

A organização corporativa, de cuja eficiência os salazaristas tanto falam, não está condicionada à defesa dos trabalhadores e apenas tem salvaguardado a grande margem de lucros dos patrões e aniquilado todos os meios para que a classe possa reivindicar a sua merecida subsistência.

— Pode dizer-nos como encaram os têxteis da Serra da Estrela a luta pela conquista dos seus direitos?

Resposta: A retumbante vitória

que os nossos companheiros da Covilhã recentemente obtiveram nas eleições sindicais demonstra claramente quanto as massas populares odeiam e repudiam a chamada organização corporativa e traz o verdadeiro resultado da sua luta na defesa dos seus legítimos direitos.

Não ignoramos os obstáculos que vão surgir no sentido de limitar a acção dos dignos e directos representantes eleitos, mas a luta dos trabalhadores ajuda-os a defender condignamente a sua causa.

— Face às eleições realizadas no sindicato da Covilhã, pensará a classe têxtil de Tortozendo pôr igualmente termo ao regime ilegal da Comissão Administrativa que há mais de 14 anos lhe é imposta?

Resposta: Sim, também em Tortozendo se tem lutado e continua a lutar, numa atitude colectiva, para

que se realizem eleições livres no nosso sindicato.

Como era de esperar, muitas farsas têm procurado neutralizar esta nossa justa reivindicação, mas com a união de todos a vitória é certa e os operários de Tortozendo cedo terão, também, uma Direcção representativa.

— Em seu entender, quais as formas de luta mais aconselháveis que os têxteis da Serra da Estrela devem empreender a fim de verem atendidas as suas reivindicações?

Resposta: Em meu entender a forma de acção mais eficaz que devemos empregar para conseguirmos uma melhoria de vida é com base na união. Encetando uma luta tenaz e unida; tornando-se solidários para com todos os seus companheiros; assinando colectivamente protestos contra as arbitrariedades atingirão os seus fins.

REFORÇEMOS A LUTA DOS TÊXTEIS CONTRA OS 25 POR CENTO

O desvio dos dinheiros das Caixas de Previdência, para fins estranhos à previdência, continua. Tal política é um roubo deliberado praticado contra os trabalhadores.

Mais 250 mil contos vão ser retirados à C. P. por ordem do governo, para serem aplicados em certificados de dívida pública, a serem emitidos no resto do ano. Isto significa que saem das C. P.

250 mil contos em dinheiro e entra papel sem qualquer utilidade na defesa da saúde dos beneficiários. Ao mesmo tempo os 250 mil contos dos trabalhadores são uma contribuição para a guerra em Angola, em defesa dos interesses dos colonialistas nacionais e estrangeiros, contra o interesse da nossa Pátria.

Recentemente o governo decretou a aplicação de mais 500 mil contos para compra de material de guerra para as colónias, que pode igualmente servir contra os anseios de liberdade do povo português. Os 250 mil contos servem para cobrir metade desta criminoso despesa. Os trabalhadores podem, porém, pela sua luta, pôr cobro a estes roubos, reforçando e alargando a sua acção contra os 25 por cento. Alguns companheiros nossos quer nos sindicatos, quer nas empresas, quer por meio de exposições assinadas e enviadas ao M. Corporações, têm tomado posições contra os 25 por cento e exigido a sua anulação. Mas esta luta deve ser alargada. Nos somos mais de uma centena de milhar, que unidos representamos uma força considerável. Intensifiquemos a luta, companheiros!

MORREU JOSÉ GREGÓRIO

Em Junho do corrente ano faleceu, na República Socialista da Checoslováquia, José Gregório, membro do Comité Central do Partido Comunista Português. Operário vidreiro da Marinha Grande, conheceu, desde muito novo, a dureza da exploração capitalista. Por isso consagrou todas as suas energias à luta emancipadora da classe operária como dirigente sindical dos vidreiros como membro do Comité Local da Marinha Grande, como membro do C. C. do P. C. P. a partir de 1937, José Gregório encontrou-se à frente da classe, na noite de 18 de Janeiro de 1934, quando os operários desta vila, dirigidos pelo Partido Comunista, deram início a uma greve de protesto contra a fascização dos sindicatos e ocuparam, depois de luta violenta, a estação dos Correios, o posto da GNR e os pontos estratégicos da Marinha Grande. Membro dirigente do Partido Comunista, José Gregório trabalhou com Álvaro Cunhal, Militão Ribeiro e outros camaradas, para dotar os trabalhadores portugueses de um partido de vanguarda, capaz de dirigí-los nas suas lutas. Ele viveu apaixonadamente, ajudou a organizar e a orientar as mais importantes greves da classe operária portuguesa sob a dominação fascista. Com a morte de José Gregório a classe vidreira é toda a classe operária perdem um dos mais esforçados e categorizados combatentes.